

O RECADO DE FISCHER PARA O CLUBE

O presidente Fernando Henrique convenceu pessoalmente o vice-diretor gerente do Fundo Monetário Internacional, Stanley Fischer, a dar uma entrevista ao lado do ministro da Fazenda, Pedro Malan, anunciando que ficara pronta a revisão do acordo preliminar com a instituição. Fischer não gosta de jornalistas e queria evitar contato com a imprensa.

No final da tarde da sexta-feira, Malan achava que ambos já haviam fechado negócio, mas Fischer ainda não estava convencido e pediu tempo ao governo para fazer

contas e dar telefonemas. Em seguida enfrentou os repórteres temendo o que de fato aconteceu — pedidos de apreciação sobre Armínio Fraga, o novo presidente do Banco Central. Saiu-se bem, pois já ensaiara resposta para tudo, inclusive se lhe perguntassem o que acha de José Serra. "O FMI conversa com todos" é a frase padrão para ocasiões como essa.

O economista só falará a verdade para a diretoria do Fundo, que começará a ouvir o relato dele sobre o Brasil a partir de amanhã. Fischer tem boa vontade. Muitos

diretores não. Vêem o Brasil como um país (do carnaval) de gente perdulária e irresponsável, que vive se metendo em encrença financeira e ainda por cima se aposenta aos 40 anos de idade. Recebem forte pressão de muitos segmentos da sociedade americana, entre eles parlamentares, achando que o FMI doa dinheiro ao Brasil, quando as taxas de juros que eles cobram nos empréstimos são tão caras quanto as de mercado.

Apesar da imagem negativa, transmitida ao vivo por Tv a cabo, que a entrevista Fischer-Malan passou para o País inteiro (o funcionário do FMI parecia no comando. A importância do ministro diminuiu), o presidente Fernando Henrique achou que saiu barato. Importante era mostrar para a comunidade financeira internacio-

nal que o Brasil reatara com o Fundo, corrigira sua pendência com o clube e estava ansioso para receber não apenas a segunda parcela do empréstimo de US\$ 41,5 bilhões como o retorno de capitais privados que fugiram daqui desde a véspera da liberação do câmbio.

O conceito brasileiro caiu muito no G-7 (grupo dos países mais ricos do mundo) desde o final do ano passado em virtude de duas decisões consideradas um desastre em Washington: 1) o afrouxamento da política monetária praticada em dezembro, quando o Banco Central

resolveu reduzir um pouco a taxa de juros; 2) a rejeição por parte do Congresso da cobrança de contribuição previdenciária aos inativos. Se o acordo da operação-resgate não tivesse sido fechado antes, até hoje ainda estaria aberto.

O sinal foi péssimo para os governos dos países que estavam se cotizando para emprestar o dinheiro. Por isso, agora o presidente não pensava em outra coisa diferente da foto de Mister Fischer dando OK ao Brasil, mesmo que ainda tenha pela frente duas semanas de consultas e preparação



de relatórios.

Nesse período, pelo menos, o Banco Central não voltará a brincar de prome-

ter juro baixo. Quando alguém fala nisso para um técnico do FMI intransigente como Tereza Ter-Minassian ele costuma torcer o nariz. É o juro alto que esfria a economia e encarece o dinheiro que os especuladores tomam emprestado para especular com dólar. Ou seja, na visão do FMI, juro alto é o único remédio conhecido para derrubar o exagero da taxa de câmbio.

Quem perguntou para Fischer se não haveria alternativa, ouviu: "Tem. Mas de onde vem o dinheiro?"